



O OLHAR DO CONTEMPORÂNEO EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS

Alline Danielle Charão Escobar¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

José Alonso Torres Freire²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

Este trabalho analisa o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em diálogo com o conceito de contemporâneo de Giorgio Agamben. A pesquisa investiga como a obra de Machado, por meio da ironia, da construção do narrador e da crítica social, expõe as contradições da elite brasileira do século XIX e as estruturas sociais. A análise também evidencia como Machado de Assis antecipa uma postura crítica que se aproxima da noção de contemporâneo proposta pelo filósofo Agamben, entendida como a capacidade de perceber as sombras e fissuras de seu próprio tempo. Assim, o estudo demonstra que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* permanece atual, oferecendo um olhar crítico não apenas sobre a sociedade oitocentista, mas também sobre dilemas ainda presentes no século XXI.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Machado de Assis. Giorgio Agamben. Contemporâneo.

ABSTRACT

This paper analyzes Machado de Assis' novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Posthumous Memoirs of Brás Cubas) in dialogue with Italian philosopher Giorgio Agamben's concept of contemporaneity. The research investigates how Machado's work, through irony, the construction of the narrator, and social criticism, exposes the contradictions of the 19th-century Brazilian elite and social structures. The analysis also highlights how Machado de Assis anticipates a critical stance that approaches the notion of contemporary proposed by the philosopher Agamben, understood as the ability to perceive the shadows and fissures of his own time. From this perspective, the study demonstrates that *Memórias Póstumas de Brás Cubas* remains relevant today, offering a critical view not only of 19th-century society, but also of dilemmas that are still present in the 21st century.

Keywords: Brazilian Literature. Machado de Assis. Giorgio Agamben. Contemporary.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, a partir do conceito de contemporaneidade do filósofo italiano Giorgio Agamben. Parte-se da hipótese de

¹ Graduada em Licenciatura em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: danielle.alline@ufms.br

² Professor de Literatura Brasileira no Curso de Letras do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e dos Programas de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Campus de Campo Grande) e em Estudos Culturais (Campus de Aquidauana). E-mail: jose.freire@ufms.br



que, embora escrita no século XIX, a obra antecipa reflexões atuais ao revelar, pela ironia e pelo olhar crítico do narrador, as contradições da sociedade. O estudo busca relacionar aspectos formais e temáticos do romance à noção de contemporâneo, entendida, segundo o filósofo como a capacidade de perceber as sombras do próprio tempo. A pesquisa, de caráter bibliográfico e analítico, articula a contribuição de críticos como Antonio Candido e Roberto Schwarz, além das ideias de Agamben, para mostrar como Machado permanece relevante e atual.

1 VIDA E OBRA

Machado de Assis (1839-1908), nascido no Rio de Janeiro em contexto humilde, tornou-se um dos maiores escritores brasileiros. Autodidata, trabalhou como tipógrafo e escreveu contos, crônicas, poesias e romances, destacando-se por sua ironia, profundidade psicológica e crítica social. Entre suas obras mais importantes estão *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e *Quincas Borba* (1891). Sua obra continua sendo estudada e admirada, refletindo sobre a condição humana e a sociedade.

2 ANTONIO CANDIDO E O PAPEL DA LITERATURA

Antonio Candido (1918-2017) foi um dos mais importantes intelectuais e sociólogos no Brasil, possuindo um papel significativo na crítica literária. Entre suas principais obras estão: *Iniciação à literatura brasileira* (1997) e *Os Parceiros do Rio Bonito* (1964). Porém, neste trabalho, analisaremos a obra *Vários Escritos* (1995), na qual Candido vê a literatura como uma expressão complexa da sociedade. Ele aponta esta não como apenas um reflexo de períodos históricos, políticos e culturais, mas que também desempenha um papel importante na construção e transformação desses períodos. O autor complementa dizendo que a literatura é como um espaço de reflexão capaz de provocar mudanças na maneira como a sociedade se vê.

Segundo Candido, no ensaio dedicado ao autor objeto de análise, a obra de Machado representou um ponto de virada na literatura brasileira, elevando-a a diferentes níveis de profundidade psicológica e crítica social, sendo reconhecido como um mestre em vida. Embora o autor reconheça que houve tentativas de explicar o talento de Machado devido à sua origem humilde ou de perdas significativas no passado, Candido afirma:

Se analisarmos a sua carreira intelectual, verificaremos que foi admirado e apoiado desde cedo, e que aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele. (Candido, 1995, p. 16)

Esse é um ponto fundamental para compreendermos que o impacto da obra de Machado pouco está atrelado à sua biografia, mas sim à sua capacidade de criar narrativas, especialmente narrativas que continuariam a ressoar como visões profundamente críticas mesmo após mais de um século de sua morte.

No primeiro texto da primeira parte da obra em questão, intitulado *O Esquema de Machado de Assis*, Antônio Candido analisa certos padrões estruturais do pensamento literário de Machado. Ele analisa como o autor construiu um esquema narrativo marcado pela observação criteriosa do comportamento humano e pelas relações sociais de sua época. Ao mesmo tempo em que tratava de temáticas complexas da mente humana mesclada a elementos de seu país, Machado olhava “para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade



aparente de suas histórias *que todos podiam ler*” (*grifo do autor*) (Candido, 1995, p. 17). Ele observa o uso do humor, da ironia e da ambiguidade como recursos expressivos que permitem a Machado, pouco a pouco, se transformar em um escritor que via além seu tempo, construindo obras de temática e entendimento universal.

Antonio Candido também menciona em sua obra a “despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica” (Candido, 1995, p. 22) por parte de Machado em suas obras. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, este fator pode ser percebido em diversos momentos. Um exemplo notável é apresentado logo no início com o uso de um narrador já falecido, um recurso arriscado e pouco convencional para a época. Outro aspecto que reflete essa despreocupação é a fragmentação da obra, com capítulos curtos e não necessariamente conectados por uma narrativa contínua. Candido também mostra que, embora tenha vivido no século XIX, Machado soube enxergar seu próprio tempo se distanciando dele, criando obras que, no futuro, iriam dialogar com questões ainda pertinentes nos séculos XX e XXI. Candido afirma: “Nos seus contos e romances, sobretudo entre 1888 e 1900, nós encontramos, disfarçados por curiosos traços arcaizantes, alguns temas que seriam característicos da ficção do século XX” (Candido, 1995, p. 17).

Por fim, Candido nos diz que a grandeza de Machado está em sua capacidade de criar histórias que revelam os conflitos do homem consigo mesmo, com os outros e com a sociedade. Ao abordar as estruturas sociais, sejam elas familiares, morais ou políticas, Machado revela um mundo de instabilidade, onde a fragilidade da razão, a hipocrisia e a vaidade convivem diariamente.

3 ROBERTO SCHWARZ E A ANÁLISE DO CAPITALISMO PERIFÉRICO

Roberto Schwarz é um dos mais importantes críticos na literatura brasileira, conhecido por sua abordagem que incorpora literatura, sociologia e história, destacando-se ao tratar das obras de Machado de Assis. Sua interpretação de Machado de Assis se tornou referência para compreender como a literatura brasileira apresenta as visões do capitalismo periférico.

Segundo Roberto Schwarz, o conceito de capitalismo periférico está ligado à maneira conflitante e desigual com a qual o capitalismo se desenvolveu em países como o Brasil. Para o autor, trata-se de uma modernização que não conseguiu se desvencilhar das estruturas antiquadas do passado, como o escravismo e patriarcalismo, mas que, ao contrário, absorveu essas estruturas para integrá-las ao processo de modernização e progresso, criando uma sociedade marcada por falsos modernismos e de formato social arcaico:

Com risco de repetição, insistiremos ainda um pouco na ambivalência ideológica das elites brasileiras, um verdadeiro destino. Estas se queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autenticidade, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do mesmo Ocidente (a infração) (Schwarz, 1990, p. 29)

Assim, no lugar de um rompimento com o passado, houve uma continuidade disfarçada de modernidade. Esta foi, portanto, incompleta, gerando um tipo específico de regime: um capitalismo dependente, subordinado, que age através da imitação de costumes estrangeiros, mas com conteúdo social e político ainda marcado pelas heranças coloniais. O resultado é uma elite que se apresenta como moderna e esclarecida, mas que mantém seus privilégios marcados por



retrocessos. A aproximação com o que estamos vendo em 2025 e os debates em curso mostram bem a validade dessa interpretação.

Duas de suas obras mais conhecidas, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo* (1990) e *Ao Vencedor as Batatas* (1977), investigam como Machado de Assis escreve sobre contradições sociais de forma sutil e crítica. Schwarz mostra que os textos de Machado refletem o estado de espírito do Brasil no século XIX, abordando questões socioeconômicas e culturais, e destaca que a forma literária do autor está profundamente ligada à estrutura social do país. Segundo Schwarz, o tom de escarninho provocante do narrador não é uma escolha ao acaso, mas sim uma forma de personificar a elite brasileira da época, carregada de cinismo e hipocrisia. No início da obra de Machado, por exemplo, o narrador se apresenta da seguinte forma: “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim [...] a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.” (Assis, 1881, p. 15). Para Schwarz, esse tipo de frase tem um efeito revelador:

Parece claro que a situação de “defunto autor”, diferente de “autor defunto”, sendo uma agudeza intencionalmente barata, aqui não desmancha a verossimilhança realista, embora a desrespeite. Antes a confirma, pois sem ela não seria originalidade nem teria graça. Menos que afirmar outro mundo, Brás quer destratar o nosso, que é dele também, isto para infligir-nos a sua impertinência (Schwarz, 1990, p. 15).

Schwarz destaca que a indiferença de Brás é apenas uma espécie de sintoma de uma sociedade marcada por desigualdade social e ausência de um sistema econômico dinâmico. O narrador Brás Cubas é instável, prepotente e indiferente, como a burguesia que representa. Assim, todas as vozes por ele assumidas e a constante mudança de postura são reflexos de uma classe dominante que absorvia os valores modernos para validar práticas antiquadas simplesmente pelo fato de poderem fazer isso.

Outro importante trecho da análise para melhor compreensão da sistemática social da obra está no conceito de “princípio formal” da obra de Machado. Nas palavras de Schwarz:

Mais que baixo contínuo, esta é a mediação geral que dá pertinência, pelo toque insensato, aos materiais do romance. Digamos então que no curso de sua afirmação a versatilidade do narrador faz pouco de todos os conteúdos e formas que aparecem nas *Memórias*, e os subordina (Schwarz, 1990, p. 22).

Isso significa, então, que o capricho do narrador não é fruto do acaso, mas do sistema: ele demonstra a lógica social da elite brasileira. Trata-se de um elemento estrutural do romance que age como uma espécie de espelho dos costumes sociais da elite brasileira do século XIX. Este é o mecanismo pelo qual Machado denuncia, com muita inteligência, as estruturas sociais que dominavam sua época. Dessa forma, o autor oferece ao leitor não apenas uma história para se ler, mas uma interpretação crítica do Brasil de seu tempo. Schwarz complementa:

[...] a volubilidade do narrador e a série dos abusos implicados retêm a feição específica, ou, para falar com Antônio Cândido, configuram a “redução estrutural” de um movimento que a circunstância histórica impunha — ou facultava, conforme o ponto de vista — à camada dominante brasileira (Schwarz, 1990, pág. 25)



Desta forma, o narrador se torna uma figura símbolo de sua classe que, ao mesmo tempo em que buscava valores e costumes de cultura europeia, ainda tinha dificuldades em abandonar o regime da escravidão como uma base econômica e moral.

Dando continuidade às reflexões críticas de Roberto Schwarz, desta vez em *Ao Vencedor as Batatas* (1977), Schwarz aprofunda seus estudos sobre Machado de Assis, investigando os desafios dos romances brasileiros, especialmente de autores como José de Alencar e Machado. O título, retirado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, evidencia que a obra vê a literatura tanto como reflexo da sociedade quanto como espaço de crítica às problemáticas históricas, especialmente relacionadas ao desenvolvimento do capitalismo na periferia. Schwarz mostra que, no Brasil do século XIX, ideias como liberdade, igualdade e progresso eram discutidas, mas raramente refletiam a realidade da população. Apesar da busca por modernidade, o país permanecia sustentado pelo escravismo, desigualdade social e outras dificuldades. No texto inicial, “As ideias fora do lugar”, ele destaca o desajuste entre forma ideológica e realidade histórica:

É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também. Entretanto, lá correspondiam às aparências, encobrendo o essencial: a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original. (Schwarz, 1977, p. 12)

Schwarz observa que, no Brasil, as ideias de modernidade eram recebidas com orgulho, servindo como prova do progresso da elite sem interesse real em aplicá-las. A hipocrisia era evidente: conceitos liberais eram adotados como um discurso esplêndido, enquanto práticas sociais e econômicas permaneciam arcaicas. Esse contexto ilustra o que Schwarz chama de capitalismo periférico, em que tendências modernas importadas de outros países não promovem mudanças reais, resultando numa modernidade falsa e desigual.

Um dos elementos centrais dessa estrutura é o favor, definido por Schwarz como “nossa mediação quase universal” (p. 16), ou seja, a forma com a qual os grupos sociais se relacionam. A dependência do favor atinge o Estado, a economia e as profissões: “O profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário dependia dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto” (p. 16). O favor conecta todas as classes não por lei, mas por relações de dependência, determinando o destino das pessoas e mantendo os privilégios da elite. Um exemplo literário é o conto *Teoria do medalhão* (Assis, 1994), em que um pai ensina ao filho como prosperar na sociedade.

Schwarz mostra que essas ideias impróprias ainda afetavam a sociedade, mesmo sendo ideologia de distinção da elite. O autor escreve: “(...) pouco ajuda insistir na sua clara falsidade. Mais interessante é acompanhar-lhes o movimento, de que ela, a falsidade, é parte verdadeira.” (Schwarz, 1977, p. 26). É essa a força da análise de Schwarz: revelar que, mesmo sendo ideias fora do lugar, elas agiam sobre a sociedade, cooperando para manter o sistema como ele é. Alimentava-se dessa forma uma cultura incoerente em que é normal falar uma coisa e fazer outra.

Em suma, *Ao vencedor as batatas* oferece não apenas mais uma análise ou crítica à ideologia liberal no Brasil escravocrata, mas um modelo para observação das relações socioculturais na denominada periferia do capitalismo. Pelos olhos de Schwarz, conseguimos perceber que a raiz do problema não está na dependência econômica, mas na maneira como os modismos tentam



perdurar em meio às tradições arcaicas, criando uma cultura onde as ideias circulam, como dito por Schwarz, fora de lugar, e a modernidade está presente apenas como um acessório.

Assim como Schwarz mostra que a ideologia liberal funcionava apenas como acessório para manter a ordem social, o narrador Brás Cubas adota um ponto de vista que expõe as contradições e hipocrisias de seu tempo. Esse distanciamento, que permite observar a sociedade de forma mais crítica e distanciada, aproxima Brás Cubas do conceito de contemporâneo descrito por Agamben: um olhar que não se ajusta totalmente à sua época, mas a percebe e a questiona.

4 O ROMANCE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Ao nos debruçarmos sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, entramos em contato com uma obra que não apenas contraria expectativas de sua época, mas também muitas crenças literárias que, ainda hoje, costumam moldar nossas ideias do significado de um romance tradicional. Ela dá início na literatura brasileira a uma nova maneira de narrar, em que o que se conta importa tanto quanto o modo como se conta. Trata-se de uma obra à frente de seu tempo, diferenciando-se das demais em termos estruturais e, principalmente, em relacionamento com o leitor.

Ao criar a figura de seu “defunto-autor”, Machado não apenas inicia uma narrativa a partir de um ponto de vista definitivamente inusitado como também estabelece, desde o primeiro capítulo, um tom que vai além de qualquer leitura previsível. Logo na abertura, encontramos a famosa dedicatória que invadiu as mais diversas camadas culturais: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”. Estas palavras já funcionam como um aviso: este não é um livro comum. O uso da ironia denota desde o início um tom com o qual o leitor irá se familiarizar através das páginas.

Mais do que contar uma história de um homem, *Memórias Póstumas* apresenta uma reflexão sobre a própria construção do sentido da vida e também da literatura. O que vemos nas páginas do romance é menos a trajetória heroica de um personagem e mais um lento desenrolar de frustrações e vaidades. Brás Cubas não está interessado na empatia do leitor e este é, talvez, um de seus trejeitos mais interessantes. Ele narra suas memórias do além, sem demonstrar algum remorso e com uma franqueza que beira a audácia. É um homem da elite brasileira do século XIX que, mesmo após a morte, continua preso a vaidades e auto validação, mas agora, sem precisar fingir valores que não tem.

A estrutura da obra é um dos aspectos mais inovadores. Os capítulos curtos, alguns com apenas uma linha, e a ordem não linear dos acontecimentos são aspectos que criam uma narrativa que se aproxima mais de um diálogo ou um fluxo de pensamento do que um clássico romance com linearidade bem definida.

Machado utiliza uma escrita que parece espontânea, mas é milimetricamente pensada. Um texto, à primeira vista desorganizado, serve justamente para quebrar as expectativas do leitor, levando-o a refletir não apenas sobre o conteúdo da obra, mas também sobre sua forma. Assim, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* também se destaca por ser um romance que conversa com o leitor. O narrador fala diretamente com quem o lê, por diversas vezes interrompendo a narrativa para fazer comentários, perguntas retóricas e até mesmo comentários maliciosos. Essa característica do narrador reforça a metalinguagem presente no texto. Neste caso, temos em mãos um romance que se sabe romance e que se sabe ficção.



Ainda sobre a figura do narrador, Machado de Assis o utiliza para fazer críticas à sociedade brasileira. Embora Brás Cubas seja uma criação que veicula uma forte crítica social, suas memórias revelam a hipocrisia e a superficialidade da elite do século XIX. Para isso, Machado criou um personagem filho de uma família abastada, um jovem criado com muitos privilégios e nenhuma responsabilidade, o que contribui para sua formação como um indivíduo indiferente às questões alheias. Brás demonstra pouca ou nenhuma sensibilidade emocional, além de uma postura arrogante diante dos que considera inferiores. O desinteresse pelos estudos é marcante em sua adolescência, apesar das oportunidades que lhe são oferecidas, como a estadia no exterior para cursar Direito, mais motivada pela vaidade e desejos da família do que por qualquer interesse de realização pessoal: “A universidade esperava-me com as suas matérias áruas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo (...)” (Assis, 1881, p. 44) Machado revelava como a elite era eficiente em formar indivíduos inúteis do ponto de vista social.

Os traços que marcariam a fase adulta de Brás Cubas já se mostravam na infância e adolescência. Estes ficam mais evidentes no Capítulo XI, intitulado “O Menino é o Pai do Homem”, na qual Machado aproveita-se da expressão para sugerir a ideia de que a infância molda o caráter do adulto e, em vez de amadurecer, ele apenas reproduz, em novas situações, os mesmos comportamentos egoístas e vazios da infância. Desde seus primeiros anos de vida, Brás Cubas já demonstrava apatia em relação a outros, além da sensação de superioridade social. Neste mesmo capítulo, conhecemos o início de sua relação com Prudêncio, seu escravo na infância que também era uma criança:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!”. (Assis, 1881, p. 25)

O comportamento do personagem era, por seus semelhantes, visto com naturalidade, o que revela a normalização da dominação racial e social presente desde os primeiros anos do pequeno Brás Cubas. O desinteresse pelos estudos e por qualquer projeto próprio de vida denota uma formação vazia que serve apenas às aparências. Com isso, Machado constrói um personagem símbolo da improdutividade da burguesia do Brasil de sua época, educada para manter o status social e nada além.

Outro marcante episódio essencial para compreendermos a dinâmica de opressão entre classes sociais acontece quando Brás Cubas, anos após seu retorno do exterior e após inúmeros eventos e infortúnios em sua vida, reencontra Prudêncio. Caminhando pela área central da cidade, Brás Cubas nota uma comoção e decide se aproximar para observar. Ali, ele encontra Prudêncio, já um homem livre, castigando outro escravo em público. Ele observa:

Parei, olhei... justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele. — É, sim nhonhô. — Fez-te alguma coisa? — É um vadio e um bêbado



muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber. (Assis, 1881, p. 98)

Esta cena em que Prudêncio, ex-escravo, aparece castigando seu próprio escravo, mesmo após ter sido ele próprio vítima de violência, continua ecoando fortemente mesmo após anos, pois nos revela como os ciclos de opressão podem ser internalizados e reproduzidos por quem já esteve do outro lado. Essa dinâmica pode ser observada hoje em diversos âmbitos sociais, como nas relações de poder em ambientes sociais, na reprodução de preconceitos por grupos marginalizados ou na reprodução de práticas não igualitárias por indivíduos que ascendem socialmente, mas mantém as práticas discriminatórias que antes os afetavam. A crítica de Machado vai muito além de um contexto como o de Prudêncio no século XIX. Ela permanece atual ao demonstrar como os sistemas desiguais moldam comportamentos da sociedade. A figura de Prudêncio funciona para nós como um alerta para os perigos na normalização da opressão e para a urgência de uma consciência crítica que lute contra estes padrões históricos.

Ao longo de sua obra, Machado de Assis criou em Brás Cubas um narrador consciente das vaidades de sua época, mas também o usava para se distanciar o bastante e observá-las com ironia. Esse posicionamento particular do narrador e do escritor, juntamente com a estrutura e crítica da obra, aproxima Machado da noção de contemporâneo tecida por Giorgio Agamben. O filósofo afirma ser contemporâneo alguém que, mesmo pertencendo a seu tempo, é capaz de perceber nele as sombras, o que falha, o que permanece inacabado. Nas palavras do filósofo: “Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (Agamben, 2009, p. 63).

Assim, em seu percurso de entendimento de seu próprio tempo, Machado recorre à figura de um defunto, um indivíduo que não está mais entre os vivos na sociedade. Logo, este não sofre os impactos das opiniões de terceiros e é livre para pensar e comentar como desejar, privilégios que só um autor defunto tem. Assim, ele narra suas memórias depois da morte, assume um ponto de vista que lhe permite enxergar não apenas os fatos que o marcaram, mas também o vazio e a inutilidade que permeiam sua existência. Essa consciência do nada, presente no tom zombeteiro com que conta suas infelicidades, revela uma postura que não condiz com o ideal romântico do herói virtuoso. Ele mesmo resume, ao final da obra, sua vida como um fracasso elegante: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (Assis, 1881, p. 187). Essa conhecida afirmação ecoa na reflexão de Agamben, para quem ser contemporâneo é também resistir à lógica e perceber o que há de inaproveitável no presente: “Um homem inteligente pode odiar seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir do seu tempo.” (Agamben, 2009, p. 59).

Outro aspecto da vida do personagem principal que denota suas relações inóspitas e vazias são seus relacionamentos amorosos. Por Marcela, seu amor da adolescência, chegou a se apaixonar verdadeiramente: “A que me cativou foi uma dama espanhola. Marcela, a “linda Marcela”, como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes.” (Assis, 1881, p. 33) Por muito tempo, presenteava a cortesã espanhola com dinheiro e muitos luxos. Brás Cubas, imaturo e deslumbrado, se apaixona perdidamente por ela. É uma paixão arrebatadora, cheia de promessas, mas completamente ingênua da parte dele. Após um longo período de relacionamento, seu pai percebeu as absurdas quantias gastas por Brás Cubas para com a jovem, e logo o repreendeu. Sem dinheiro, é rejeitado, pois Marcela possuía um único interesse no jovem, como demonstra bem o trecho seguinte: “... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.”



(Assis, 1881, p. 37) Essa frase revela que o amor de Marcela era, na verdade, proporcional ao dinheiro que Brás lhe rendia. Esse caso simboliza o quanto Brás Cubas já era vaidoso e superficial desde jovem. Ele acreditava que podia comprar afeto, e ao mesmo tempo gostava de exibir seu status e viver prazeres sem compromisso. Quando o pai descobre e corta a mesada, Marcela não resiste: desaparece, mostrando a verdadeira face da relação.

Outro interesse amoroso de destaque na história de Brás Cubas é Virgília. Filha de um importante político influente, a história com Virgília é diferente, mais madura, mas ainda mais egoísta e hipócrita: “Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, — devoção, ou talvez medo; (...)” (Assis, 1881, p. 54) Virgília já era sua paixão na juventude, mas ele a perde quando ela entra em um casamento com Lobo Neves, um melhor partido político. Já casada, Virgília reencontra Brás Cubas e se inicia um caso extraconjugal. Eles vivem um romance escondido, com encontros cheios de desejo. A relação entre ambos é marcada pelo desejo, mas também pelo egoísmo: Virgília busca nele um escape para o casamento sem amor, e ele se sente vaidoso por “roubar” a esposa de outro homem. Para manter a relação, Brás Cubas ainda faz um acordo com D. Plácida, uma costureira que aceita ceder sua casa como local para os encontros dos amantes, recebendo dinheiro e favores em troca. Ela se torna então cúmplice da relação ilícita, aceitando esconder o casal em troca de dinheiro. Mas mesmo esse amor não é representado como uma grande história trágica ou sublime, mas sim um reflexo da hipocrisia e egoísmo dos personagens, que pensam apenas em si mesmos.

Outra mulher alvo dos olhares de Brás Cubas é Eugênia, uma jovem mulher bela, de bons modos que, ao conhecê-lo, logo demonstra deslumbre. Ele a conhece em uma das visitas à casa de Dona Eusébia, mãe da moça, que parece torcer para que os dois se aproximem. De fato, Brás fica lisonjeado por Eugênia se mostrar atraída por ele, e até cogita a possibilidade de se casar com ela. Mas então vem o detalhe cruel: Eugênia era coxa e mancava enquanto caminhava. Isso bastou para que Brás Cubas perdesse todo o interesse na jovem. Casar-se com uma mulher que tivesse um “defeito” visível como o de Eugênia seria inadmissível, pois isso feriria a sua vaidade e seu status social, como podemos ver no trecho abaixo:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. (Assis, 1881, p. 60)

Esse episódio mostra mais uma vez a personalidade fútil, orgulhosa e fria de Brás Cubas, que optou por abrir mão de uma mulher que realmente o estimava apenas para manter sua imagem social intacta, recusando qualquer possibilidade de “imperfeição” que pudesse atingir seu ego. Mais uma vez Machado tece uma crítica às relações sociais das classes mais altas, mais especificamente no âmbito do mercado de casamentos que, no século XIX, mais se assemelhavam a contratos financeiros e arranjos familiares do que a uniões legítimas entre duas pessoas. As decisões matrimoniais eram tomadas pelos pais, e a mulher possuía pouca ou nenhuma voz na decisão final. Por fim, Brás ainda comenta o caso com certo cinismo e desapego, mostrando como ele não levava a sério sentimentos verdadeiros nem se preocupava em ferir os sentimentos de Eugênia.

— Adeus, suspirou ela estendendo-me a mão com simplicidade; faz bem. — E como eu nada dissesse, continuou: — Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia



dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei-a a poucos passos, e jurei-lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo hipérboles frias, que ela escutou sem dizer nada. (Assis, 1881, p. 62)

As relações amorosas de Brás Cubas são um exemplo de como Machado recorre ao seu narrador para denunciar as práticas da sociedade do seu tempo e assumir um papel de indivíduo contemporâneo. Machado vivia no século XIX, mas não era totalmente adepto a ele. Como afirma Agamben, “Se, como vimos, é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo [...], ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações.” (Agamben, 2009, p. 71) Assim, Machado percebia as falhas de seu tempo e, talvez sem completa consciência, suas críticas ainda ecoariam no século XXI.

As ilusões de sucesso de Brás Cubas aparecem desde o projeto do “emplasto Brás Cubas”. O narrador revela, repleto de vaidade e desejos egoístas, a ambição de criar um remédio para curar hipocondríacos, não por altruísmo e desejo de ajudar o próximo, mas por vaidade:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. (Assis, 1881, p. 11)

Aqui, a suposta generosidade se disfarça de puro desejo de fama, uma crítica à hipocrisia da elite carioca do Rio de Janeiro que buscava mascarar sua inutilidade através de obras vãs. A ideia que termina em fracasso nos mostra a condição de Brás Cubas como um personagem que não atua ativamente na sociedade e não possui nada a acrescentar para o ambiente à sua volta. Machado é certo ao criar um personagem tão representativo tanto de sua época quanto dos dias atuais.

O episódio do “delírio” também traz uma poderosa leitura contemporânea. Em um episódio de alta febre, Brás Cubas começa a delirar e encontra a Natureza, que lhe revela a brutalidade da existência: “Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga” (Assis, 1881, p. 44). Nessa cena peculiar, ele é confrontado pela indiferença do universo, sem recompensa para as virtudes. É um sentimento de escuridão que Agamben descreve como característica da verdadeira contemporaneidade de um indivíduo: “Ver as trevas não é uma forma de cegueira, mas é antes uma particular sensibilidade, que permite ver a escuridão do presente” (Agamben, 2009, p. 61)

É preciso lembrar novamente que, embora escrito no século XIX, o romance de Machado de Assis ainda dialoga profundamente com questões que enfrentamos no presente. Temáticas como o fracasso, a vaidade, a morte, o desejo de reconhecimento e a crítica ao ideal de sucesso permanecem atuais e ecoam com força nas aflições do sujeito contemporâneo. Por isso mesmo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* continua sendo uma leitura contemporânea em muitos sentidos.

Ao pensarmos no significado de ser ou não contemporâneo, é comum associarmos essa palavra àquilo que é atual, moderno, ou em sintonia com os acontecimentos da atualidade. No entanto, essa popular concepção quase automática da contemporaneidade é justamente o que Giorgio Agamben desfaz e reconstrói no ensaio “O que é o contemporâneo?”. O texto traz uma reflexão filosófica profunda sobre o que de fato significa pertencer ao seu tempo e sobre como, paradoxalmente, é necessário não coincidir completamente com ele para verdadeiramente entendê-lo.



Em seu ensaio, Agamben afirma que “(...) contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (Agamben, 2009, p. 62) Essa percepção revela que a verdadeira contemporaneidade não é apenas uma mera identificação rasa com o presente ou se sentir pertencente à sua época, mas sim possuir uma sensibilidade àquelas, por Agamben assim chamadas, “sombras”. Ou seja, o contemporâneo é aquele que percebe o que no tempo atual não funciona, aquilo que escapa, que permanece encoberto e mal resolvido. Essa postura envolve um tipo de deslocamento em relação ao tempo. Não se trata de negar o presente, mas sim de não se submeter a ele de forma passiva.

Machado de Assis pode ser considerado um contemporâneo do nosso tempo no sentido que Agamben aponta porque sua obra vai além das barreiras cronológicas do século XIX e continua profundamente atual em suas críticas e temas. A leitura de seus romances nos revela um olhar aguçado para as hipocrisias da sociedade brasileira. Este olhar, utilizando as palavras de Agamben, “sabe ver a escuridão do presente”. Em outras palavras, Machado, como um indivíduo presente na sociedade do século XIX, não se deixou cegar pelas ilusões do progresso ou pelos discursos da modernidade que permeavam as ruas da sociedade carioca. Em contrapartida, com sua perspicácia, ele soube perceber as sombras de seu tempo, muitas das quais ainda persistem em nossos dias no século XXI.

Especificamente em obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado expõe as hipocrisias sociais que continuam a nos assombrar atualmente: a desigualdade gritante entre classes sociais, o racismo estrutural, a exploração e diminuição dos grupos minoritários, a alienação da população diante do sofrimento alheio, a vaidade como combustível da vida social. Esses elementos não pertencem apenas ao contexto do Brasil e do mundo dos anos 1800, mas ecoam com força no Brasil e no mundo do século XXI, ainda marcado fortemente por injustiças sociais e falsos discursos humanitários. Ler Machado hoje é ser confrontado com a constância dessas práticas. É perceber que as mesmas abomináveis práticas sociais que ele denunciava continuam a impactar as relações econômicas, políticas e sociais atualmente.

O ponto importante levantado por Agamben é a ideia de que ser contemporâneo significa aderir ao seu tempo e, ao mesmo tempo, se distanciar dele (Agamben, 2009, p. 59). A dualidade de pertencer e, ao mesmo tempo, não pertencer, é central no conceito. O verdadeiro contemporâneo é uma posição de desajuste, que observa a própria época de um lugar distante. Por isso, é capaz de percebê-la de maneira crítica. Os temas universais que abordados por Machado garantem à sua obra uma atemporalidade rara. Brás Cubas e sua família, Virgília, Marcela e até mesmo Prudêncio são personagens filhos do século XIX, mas também projeções poderosas dos homens e mulheres de hoje. São pessoas movidas unicamente por seus interesses, capazes de pequenas crueldades e de grandes hipocrisias. Embora ambientados em uma sociedade escravocrata e patriarcal, seus dramas têm dimensões da condição humana que ainda não soubemos superar com sucesso.

A forma como Machado escreve também contribui para torná-lo nosso contemporâneo. Podemos compreender sua coragem de não apenas perceber as problemáticas de sua época, como também criar uma obra nas quais seus personagens seriam coerentes não somente com o século XIX, mas também com os anos que viriam no futuro. Ele foi um inovador em termos literários, um autor claramente à frente de seu tempo.

Sua narrativa abrigou um narrador pouco confiável, que expõe a própria falsidade de seus relatos, e com uma estrutura não linear que antecipa características da literatura do século XX. A cada página de sua obra, percebemos como o uso da ironia funciona como instrumento de crítica que desestabiliza o leitor, convidando-o a duvidar das aparências e a enxergar além. Essa ousadia



confere à obra uma modernidade que ainda hoje surpreende e inspira novos escritores. Ao longo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis cria um narrador profundamente consciente dos privilégios de sua época, mas, como escritor, se distancia o bastante para observá-las.

Ao narrar suas memórias após a morte, Machado assume através de Brás Cubas um ponto de vista que lhe permite enxergar não apenas os fatos que o marcaram, mas também o vazio e a inutilidade que definem sua existência. Essa consciência do nada, expressa no tom cômico com que conta suas aventuras, revela uma postura que rompe com o ideal do herói. Ele mesmo resume sua vida como um fracasso: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (Assis, 1881, p. 147). Brás Cubas morreu com consciência de que sua vida ociosa nada teria a acrescentar e perpetuar em uma descendência. Tudo em sua vida caminha para a inutilidade, e é dessa inutilidade que nasce a ironia amarga que atravessa toda a obra. Ao invés de ser um exemplo de triunfo, ele pode ser lido como um exemplo de lucidez final. Essa posição aproxima-o do nosso presente, em que tantas promessas modernas se mostram cada vez mais problemáticas. É possível perceber, assim, que *Memórias Póstumas* não pertence apenas ao século XIX, pois seu tom crítico continua relevante para os leitores do presente.

Além disso, a visão de Brás Cubas sobre sua própria vida e sobre as relações sociais ao seu redor pode ser lida como uma crítica ao próprio conceito de sucesso e avanço individual. Como observa Schwarz (1990), Machado de Assis pode ser considerado um autor contemporâneo não apenas por sua inovação estética, mas por ter captado com precisão as incoerências do capitalismo periférico no Brasil, que continuam até os dias de hoje. Sua ironia diante das “ideias fora do lugar” e sua crítica à hipocrisia da burguesia ainda são extremamente atuais, mostrando que, mesmo após um século, o Brasil ainda encara as mesmas ideias problemáticas.

Dessa forma, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* funciona como uma obra contemporânea no sentido de Agamben, pois, ao mesmo tempo que é presente em sua época, ela não permanece estática no século XIX, fornecendo uma crítica que permanece relevante para além de seu contexto histórico.

Finalmente, a ligação entre Schwarz e Agamben reforça a capacidade de Machado de Assis de agir em um plano que não se limita à crítica local, mas que aborda questões universais da sociedade brasileira e da humanidade. A escrita de Machado revela não apenas as especificidades do capitalismo periférico brasileiro, mas também a maneira como as estruturas de poder e desigualdade se perpetuam em diferentes âmbitos históricos. É essa capacidade de ir além dos limites de sua época que torna Machado de Assis, na leitura de Schwarz, um verdadeiro “mestre na periferia do capitalismo”, e que o classifica, de acordo com o conceito de Agamben, um homem contemporâneo do passado e do futuro.

Memórias Póstumas é um romance que questiona a moralidade, o status social e as guerras de classes, expondo suas falhas, suas mesquinharias e falta de compromisso com a vida. O próprio Brás Cubas, como narrador que observa sua vida de uma posição após a morte, transmite uma sensação de futilidade e vazio existencial, nos mostrando o quão efêmeras e desprovidas de sentido muitas das conquistas e realizações dessa classe realmente são. Por meio deste icônico personagem da Literatura Brasileira, Machado nos oferece não apenas um espelho de seu tempo, mas também um convite para refletirmos sobre a vaidade, o fracasso e a hipocrisia que ainda persistem no nosso presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, a partir do conceito de contemporaneidade proposto pelo filósofo Giorgio Agamben, buscando compreender de que modo a narrativa de Machado abrange não apenas as hipocrisias de sua época, mas também os aspectos sombrios que ainda ecoam em nossa própria sociedade atualmente.

Ao longo do estudo, observamos a originalidade da narrativa de Machado, a crítica social implícita em sua obra e a relação entre a postura de Machado através de *Brás Cubas* com a ideia do contemporâneo de Agamben. Os resultados demonstraram que a obra não apenas representa as contradições da sociedade brasileira do século XIX, mas também nos mostra uma reflexão atemporal sobre desigualdade, hipocrisia e relações humanas.

A análise reforça a relevância de Machado para os estudos de Literatura e para a compreensão das marcas em nossa sociedade. Para futuras pesquisas, é importante considerar a ampliação deste estudo para outras obras de Machado de Assis, investigando de que modo Machado, através de outros personagens, como em *Dom Casmurro* (1889) e *Quincas Borba* (1891), também assume essa postura contemporânea diante do mundo. Também seria oportuno explorar diálogos entre Machado e outros filósofos da modernidade.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Machado de Assis**: biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-Assis/biografia>.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional; Revista Brasileira: Jornal de Literatura, Teatros e Indústria, 1880.

ASSIS, Machado de. **Obra completa** (3 volumes). Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962.

CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 1995.

COUTINHO, Afrânio. Estudo crítico – Machado de Assis na literatura brasileira. In: ASSIS, Machado de. **Machado de Assis**: obra completa. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 23-65.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. **História e antecedentes**. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-e-antecedentes/>.

EUROPEAN GRADUATE SCHOOL. **Giorgio Agamben**. Disponível em: <https://pact.egs.edu/biography/giorgio-agamben/>.

OXFORD LANGUAGES. Contemporâneo. In: **Google Dicionário**. [S. l.]: Oxford University Press. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).



SCHWARZ, Roberto. **Página do autor**. Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00459/roberto-schwarz>.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **A vida, a obra e o legado de Antonio Candido**. Jornal da USP, 24 maio 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/a-vida-a-obra-e-o-legado-de-antonio-candido/>.